

# RELAÇÃO FIEL E VERDADEIRA / 1987

Um filme de Margarida Gil

**Realização:** Margarida Gil / **Argumento:** Margarida Gil e João César Monteiro, parcialmente baseado na “Autobiografia” de Antónia Margarida Castelo Branco / **Assistência Literária:** Luiza Neto Jorge / **Fotografia** (16mm, cor): Manuel Costa e Silva / **Som:** Joaquim Pinto, Vasco Pimentel / **Música:** José Alberto Gil / **Cenários e Guarda-Roupa:** Juan Soutullo / **Intérpretes:** Catarina Alves Costa (Antónia), António Sequeira Lopes (Brás), Laura Soveral (D. Luísa), Jorge Rolla (Afonso), Cremilda Gil (Ana), Sónia Guimarães (Felicidade).

**Produção:** Margarida Gil / **Duração:** 89 minutos / **Ante-Estrela:** Cinemateca Portuguesa, em 29 de Fevereiro de 1987 / **Estrela:** São Jorge 3, em 23 de Junho de 1989.

---

O ponto de partida para a primeira longa-metragem de Margarida Gil é a “Autobiografia” de Antónia Margarida Castelo Branco, onde a freira narra as vicissitudes da sua vida de casada com Brás de Menezes, fidalgo arruinado pelo vício, pelo jogo e pelas conspirações no Portugal pós-restauração. A partida o projecto da realizadora teria sido uma recriação da época segundo o modelo de Manoel de Oliveira em **Amor de Perdição** e **Francisca**. Contudo, a partir de determinada altura, este “projecto de filme” de Margarida Gil (conforme o argumento original) sofre uma alteração radical, na forma que não no sentido. Em vez de “recriar” a época, o projecto “actualiza” a história dramática de Antónia Margarida.

A alteração ao fundo temporal não altera a intencionalidade do filme, a sua reflexão sobre a história e sobre a psicologia das personagens. Porque esta “actualização” se faz para um tempo que reflecte o original nas suas razões históricas. Do período da pós-Restauração de 1640 com os ajustes de contas entre a nobreza independentista triunfante e a que se acomodara ao domínio espanhol, passamos para a fase pós 25 de Abril, também marcada por confrontos dramáticos e não menos ajustes de contas. Por isso, mais do que em **Amor de Perdição** ou **Francisca**, **Relação Fiel e Verdadeira** encontra um par no filme que Paulo Rocha fazia no mesmo ano, **O Desejado** ou **As Montanhas da Lua**. Em ambos os filmes se procede a uma “actualização” de clássicos da literatura, sendo o de Rocha o “Genji Monogatari” escrito no século X por Shikobu Murasaki, e em ambos se centra a nova acção no Portugal pós 25 de Abril, reflectindo a turbulência política de então.

No filme de Margarida Gil as alterações que o original sofre na modernização são de pouca monta, reflectindo-se nalguns pormenores de figurinos e meios de transporte (o carro que Antónia conduz na viagem para o interior, a camioneta que a transporta quando parte com a mãe espiada por Brás a cavalo na colina), nas actividades de Brás (que agora têm a ver com as ex-colónias portuguesas, em especial o tráfico de diamantes de Angola). O resto, que é o que importa, permanece inalterável, o tempo

não passou sobre concepções medievais, relações feudais, superstições e tradições. A reza anti-peçonha que a criada entoa sobre a mão ferida de Brás não é um anacronismo, mostrando, antes, como no interior rural do país, recém-saído de um regime esse sim, anacrónico, se mantinham velhas crenças e superstições, e não apenas entre as classes baixas. Estes dois tempos, passado e presente, estes dois olhares, vão-se justapondo e confundindo, através da montagem que alterna o movimento interior de cada uma das personagens com lentas panorâmicas sobre uma paisagem nortenha que apenas o traço de uma estrada asfaltada distinguirá o presente do passado, e de uma fotografia a que a ampliação dos 16mm (em que foi filmado) para os 35mm (em que foi exibido), confere um inesperado grau de "autenticidade".

Mas mais sugestiva é a relação de Antónia com o marido e com a família. É aqui que tradição e modernidade se confundem. Porque a total submissão de Antónia ao seu destino se tem uma faceta medieval de "submissão", traz também o sinal de uma afirmação pessoal e revolta modernas. A submissão, para Antónia, é a forma de impor a sua vontade e o seu percurso ao longo do filme é o de um progressivo despojamento de laços afectivos que a levará ao convento. Face à sua força submissa a revolta e o sadismo de Brás, tomam uma faceta patética.

Margarida Gil dá a esta história uma forma despojada ao extremo, em longos planos, alguns de beleza extrema (Antónia grávida sob a árvore, plano que evoca **Veredas** de João César Monteiro, onde a realizadora colaborou), outros carregados do sentido da tragédia (os do convento, que adquire um tom fantasmagórico, onde o plano da pintura da raposa caçando a pomba dá um sentido de ameaça de um filme de terror) ou projectando toda a terrível ambiguidade que a história contém (o belíssimo plano de abertura, onde se cruzam os andores da Virgem e de Cristo, que se faz, simbolicamente, numa ponte).

Manuel Cintra Ferreira